

Exercendo a Liderança Profética:

Quem é o seu Josué?

■ Marcos Volcan



Todo líder cristão, batizado no poder do Espírito Santo, deve fazer bom uso de cada dom ou habilidade que possui, promovendo, assim, benefícios que atendam às reais necessidades da comunidade cristã.

A moderna administração, no mundo dos negócios, dedica ao tema da liderança uma atenção especial, e o número de cursos e materiais formativos sobre o assunto se multiplicam. Trata-se, portanto, de um área de estudo ampla, que tem associado-se a outros saberes, como psicologia, economia, marketing, etc., e, desta forma, suas aplicações práticas crescem continuamente.

A liderança cristã, já há algum tempo, tem incorporado tais conhecimentos aos métodos de formação de seus membros o que tem contribuído na obtenção de resultados mais eficazes para a ação evangelizadora diante de seus novos desafios.

Assuntos como "missão", "visão", "metas", "estratégias" se tornaram comuns quando tratamos de planejamento pastoral. Boa parte daqueles que ocupam uma liderança ou tem uma atividade ministerial, quando postos diante de novos projetos, quase que imediatamente se utilizam desses mais variados conceitos e seus recursos práticos para impulsionar o trabalho a ser realizado. Entretanto, o que vem sendo sistematizado na forma de novos conhecimentos, constata-se, por alguma razão, já fazia parte da maneira de agir daqueles líderes bíblicos que se destacaram na condução do povo de Deus.

Um exemplo que encontramos no Antigo Testamento pode ser apresentado na épica libertação dos israelitas, que se encontravam sob o domínio dos egípcios. Os descendentes de Jacó já viviam no Egito há cerca de 450 anos, tendo, neste período, formado uma

nação. Os egípcios passaram a ser governados por faraós mais hostis, que os trataram como uma ameaça. Os israelitas foram forçados a trabalhar como escravos e, devido ao seu crescimento, seus bebês, recém nascidos, eram afogados no Nilo.

Nestas circunstâncias, os israelitas clamaram pelo o auxílio de Deus. Foi neste tempo, por volta do século XIII a.C., que Moisés chefiou-os, numa libertação rumo à "Terra Prometida". O assim conhecido "Êxodo" (partida) marcaria para sempre a história de Israel, destacando



Moisés como o mais importante dos seus líderes.

Por se tratar de uma história bem conhecida, apresentamos apenas alguns pontos mais significativos, sob o ponto de vista da liderança de Moisés. Sendo assim, poderíamos simplificar sua trajetória, como líder de Israel, em três etapas: 1. O chamado de Deus; 2. A condução do povo; 3. A sucessão.

Na primeira etapa, o chamado de Moisés acontece sob o forte efeito da "sarça que ardia". Ali ele é convocado a uma missão praticamente impossível. Sem muitas chances de dizer não, na experiência do encontro com o "Eu Sou", sentiu-se, mesmo diante de suas incapacidades, compelido a dizer sim. Teve medo do que viria pela frente, pois não dispunha de habilidades aparentes como oratória ou de recursos materiais.

Parecia também não querer romper com vida já estabelecida de pastor. Mas, enfim, depois de muito relutar, sem argumentos, parece que a sarça que ardia lá fora passa a arder dentro de si: aceita a missão! Por ela se dedicaria e consumiria numa visão que tomou conta do seu interior. Aquele diálogo com Deus se desdobraria em outros futuros encontros.

Por vezes tensas, essas reuniões, construirão uma amizade divino-humana pouco vista na "Antiga Aliança", mas universalizada em Jesus quando o véu do templo se rasgou. Sobre isto, na perspectiva da fé, continuará a haver um hiato que mesmo o moderno conhecimento humano terá dificuldades de entender. O que leva alguém a dar um passo desses? Largar tudo e atirar-se numa missão deste porte? Lá no diálogo da sarça, começava uma amizade. E aquela conversa ainda ecoa nos ouvidos de muitos homens e mulheres da atualidade e se desdobra: "Mais do que liderar o meu povo, escolho homens e mulheres nestes novos tempos, para um nível de liderança onde não fico somente a medir resultados, mas, antes, desejo construir uma amizade, onde revelo minhas intenções aos corações dos que me servem, para assim poder agir".

Numa segunda etapa vemos Moisés em ação. Quando começou a trabalhar, quando a visão que agora lhe consumia se tornou sua missão, inúmeros desafios

NESTA EDIÇÃO

Exercendo a Liderança Profética:

Quem é o seu Josué?

Marcos Volcan

A Cultura de Pentecostes:

Espalhando-se em unidade

Maria Eugenia F. Górgora

Perguntas à Comissão Doutrinal do ICCRS:

Deus nos testa?

“
Todo líder cristão deve entender o tempo de seu chamado para a liderança e o tempo de se retirar desta.

”

surgiram. Comunicar tamanha tarefa a seu povo e obter o seu apoio, assim como enfrentar a relutância do governo egípcio marcam uma fase de obstáculos internos, até a chegada "Páscoa", onde atravessando o mar, precisarão também passar pelo deserto para, então, entrarem na tão desejada "Terra Prometida". Nesta jornada, Moisés enfrentará os problemas de um povo que traz consigo muitos vícios e incredulidade. Moisés, por sua vez, ainda pouco hábil com o trabalho em equipe, vê-se sobrecarregado. A vida "estressante" do deserto, com um povo desanimado e cheio de reclamações, certamente testam o limite de suas forças; uma crise de depressão ameaçava instalar-se, quando, por sugestão do sogro, resolve delegar tarefas e, assim, distribuir o trabalho com outras pessoas. Poderia, então, focado na missão, instruir o povo e preparar uma nova geração, para o cumprimento da promessa de Deus.

Todas estas habilidades encontradas em Moisés somam-se a algo mais que possuía (e altamente desejado pelos modernos administradores), ou seja, a capacidade de formar novos líderes, qualificados para assumirem tarefas bastante desafiadoras.

Durante aquele tempo de deserto, vinha se destacando uma figura importante, que era fiel a Deus e comprometido com a Missão: Josué.

Situamos assim uma terceira etapa, onde, tendo que lutar pela conquista da terra, Moisés também foi preparando o caminho para uma transição. Seu tempo foi passando e estava chegando ao fim.

Moisés foi um excelente líder para os tempos de calamidades e inovação; nele encontramos uma personalidade vigorosa, mas ao que parece, a idade avançada e a necessidade de novas aptidões para um grupo já amadurecido exigia mudanças. Um revezamento se fazia necessário. Moisés teve a missão de conduzir o povo até a fronteira da Terra Prometida. Vindo substituir a Moisés, Josué teria que guiá-los na conquista do território. Com uma personalidade motivadora e uma capacidade de planejar estrategicamente, temos em Josué um exemplo de transferência de poder inspirada na vontade divina e a altura do novo momento dos israelitas.

Josué terá de administrar os bens recebidos e precisará fazê-lo com a liberdade necessária. Deus nem mesmo permitiu que Moisés se "aposentasse" - ele morre sem poder entrar na Terra Prometida e deixa o legado de um trabalho cheio de dedicação e amor ao seu povo e a Deus.

Quando penso neste tipo de transição, lembro-me de uma breve história que vivi quando tinha 12 anos. Num evento esportivo de minha cidade, fui convidado, juntamente com outros colegas de classe, para carregarmos uma tocha no trajeto de algumas quadras nas proximidades de nossa escola. Tudo foi preparado, e ficamos, cada um, aguardando no local determinado para receber a tocha. Quando chegou a minha vez, no início foi fácil, mas conforme ia correndo e a distancia aumentava, apesar da relativa leveza daquele artefato, ele parecia ficar muito pesado. Ainda bem que, logo adiante, vi a pessoa que me esperava para assumir a tocha; minhas

forças até se renovaram, fiquei muito feliz e também aliviado em poder passá-la adiante. Anos mais tarde, participei de um encontro que tinha como tema: "Manter a tocha acesa". Tratava-se de um evento que reunia lideranças de vários países e ali, naquele final de semana, fomos encorajados, entre diversas comparações, a fazer de nossas atividades ministeriais como se faz nas olimpíadas, quando a tocha é acendida e vai passando por diferentes regiões, levada por diversos corredores, mas devendo chegar acesa ao destino final.

Lembrei-me então daquela experiência, e isto tem servido como um princípio que me ajuda sempre que tenho que passar adiante um trabalho de liderança. Ou seja, levar a missão com bom ânimo, guardando forças para chegar com a tocha acesa até o último momento. E quando este chegar, entregar a tocha, de verdade.

Todo líder cristão deve entender o tempo de seu chamado para a liderança e o tempo de se retirar desta. Adotando uma atitude com a de Moisés e preparando o terreno para ter um Josué a seu lado.

Portanto, uma preocupação natural que envolve as lideranças normalmente concentra-se em achar pessoas com um forte chamado de Deus para suas vidas. Também espera-se que estas pessoas saibam dar passos firmes na fé, confiantes em Deus e que desenvolvam aptidões para administrar os problemas de todos os tipos. Entretanto, muitas vezes, esquece-se de uma etapa tão importante quanto ensinar-lhes: que a transferência da liderança é uma habilidade que não pode ser negligenciada. Não basta investir em novas lideranças, é preciso transmitir-lhes as funções, os cargos e trabalhos e enfrentar a tentação de nos julgarmos insubstituíveis ou até donos da messe do Senhor.

Por outro lado, cabe, àqueles que recebem a nova missão de exercer uma liderança, cuidar, como Josué o fez; dar continuidade ao legado de Moisés, ou seja, daqueles que serviram ao Senhor, lhes precedendo. Esta é uma habilidade pouco encontrada no mundo dos negócios e na política, e assim também entre os que servem ao Senhor. Trata-se de uma habilidade que somente lideranças maduras conseguem obter. Mas muito necessária em qualquer âmbito das atividades humanas e, principalmente, no serviço de liderar o povo de Deus. Entretanto, mesmo quando isso acontece, ou seja quando novas lideranças assumem sem guardarem este princípio da continuidade, que nossa alegria não seja menor, pois o serviço centrado no Evangelho de Jesus sabe que a regra de ouro não espera reconhecimentos nem troféus. Mais vale a amizade construída com Deus e a certeza de ter dado o melhor de si e de seus dons do que qualquer tipo de premiação. Não esperemos tesouros nem reconhecimentos momentâneos, até porque, muitas vezes os verdadeiros líderes têm que ser firmes e decididos em ações que não agradam a todos.

Ao passarmos a tocha para quem nos sucede, devemos, também, com a devida interpretação, "morrer"; saber que nosso tempo para esta missão acabou, que Deus mesmo cuidará do seu povo e que, se julgar oportuno, nos chamará para outras missões. Que isto não nos assuste, pois se dissermos sim, Ele nos dará mais do seu Espírito, caminhando sempre ao nosso lado. 🏠

Espalhando-se em unidade

■ Maria Eugenia F. Góngora



Todos eles tinham os mesmos sentimentos e eram assíduos na oração, junto com algumas mulheres, entre as quais Maria, mãe de Jesus, e com os irmãos de Jesus... Quando chegou o dia de Pentecostes, todos eles estavam reunidos no mesmo lugar (Atos 01, 14; 2, 1).

Desde aquele dia, todos eles permaneceram juntos, não no que se refere ao local físico, mas sim em um só coração. Unidos na esperança, crença e confiança - características as quais Maria tinha muito para contribuir, já que seus sentimentos maternos tinham-na encorajado a 'permanecer'. A promessa de Jesus se tornou realidade, todo o seu trabalho foi coroado aqui. O Espírito entrou no coração do homem, transformou seu coração de pedra em um novo capaz de amar, de ir a outros para que eles também pudessem viver essa experiência.

Corações passivos e trancados que agora estão "preocupados" com a urgente necessidade de ir comunicar a todos a Boa Nova. Da unidade de Pentecostes, eles receberam o Espírito Santo e de lá saíram para os caminhos do mundo os quais o Senhor os leva. O belo parágrafo 26 da encíclica de João Paulo II sobre a validade permanente do mandato missionário da Igreja indica claramente que a partir de Pentecostes as comunidades estavam abertas e missionárias!

Confirma-se ao longo dos Atos dos Apóstolos, um livro do Espírito Santo. Cheios de fogo, eles vão anunciar, como fiéis e testemunhas corajosas, a mensagem da salvação, não por seu próprio poder, "mas o Espírito Santo descerá sobre vocês, e dele receberão força para serem as minhas testemunhas em Jerusalém, em toda a Judéia e Samaria, e até os confins da terra." (At 1, 8).

Apresentando, pelo seu testemunho, a nova cultura de Pentecostes. Palavras, maravilhas e milagres que o Senhor lhes permitiu realizar e, dessa forma muitos estavam seguindo; tal era a atração, que as comunidades cresceram e se multiplicaram, "E o número de homens e mulheres que vieram a acreditar no Senhor, aumentou de forma constante" (At 5, 14).

Com simplicidade, cheios de amor, apesar dos grandes perigos e perseguições, eles não pararam, "minha palavra e minha pregação não tinham brilho nem artifícios para seduzir os ouvintes, mas a demonstração residia no poder do Espírito, para que vocês acreditassem, não por causa da sabedoria dos homens, mas por causa do poder de Deus" (1 Cor 2, 4-5).

Diferentes personalidades, modos de pensar e ver as coisas, por causa de Jesus e guiada pelo Espírito Santo. "Com grande poder, os apóstolos davam testemunho da ressurreição do Senhor Jesus. E todos eles gozavam de grande aceitação" (Atos 04, 33).

Os Atos dos Apóstolos nos diz repetidamente quantos homens e mulheres aderiram a mensagem de salvação. Como ontem, hoje, continuamos membros de uma mesma família espiritual, herdada dos apóstolos de Pentecostes-comunhão eclesial, que é a Igreja. O Papa Francisco nos lembra: "Mas sei que nenhuma motivação será suficiente, se não arde nos corações o fogo do Espírito. Em suma, uma evangelização com espírito é uma evangelização com o Espírito Santo, já que Ele é a alma da Igreja evangelizadora". (Evangelii gaudium 261). O Espírito nos impulsiona a ir pelas estradas, apresentando e expandindo esta cultura, que um dia será plena e perfeita, pois desde

agora já podemos provar de seus primeiros frutos. Mesmo em meio a lutas, provações e perseguições, Paulo nos conforta quando ele diz: "Quem nos poderá separar do amor de Cristo? A tribulação, a angústia, a perseguição, a fome, a nudez, o perigo, a espada?" (Rm 8,35). O Espírito Santo nos inspira através de Pedro, hoje Francisco, dizendo: 'Eu espero que você compartilhe com todos na Igreja a graça do batismo no Espírito Santo. [...] Lembre-se que a Igreja nasceu "em movimento", na manhã do Pentecostes'

Por natureza, a Igreja é missionária; seu fundador é o nosso Senhor Jesus Cristo, missionário de Deus Pai, através do poder do seu Espírito Santo, e do dinamismo de Pentecostes Ele nos envia a fazer o que Ele fez. Unidos em koinonia (comunhão eclesial), atraídos para o mesmo ponto, em direção à explosão de Pentecostes, em direção a Jesus que nos dá o seu Espírito, é como o exercício de círculos centrípetos, em direção ao centro, para sair em seguida, e estar preparado e forte na sua santa harmonia e momento. Como uma dinâmica divina, círculos centrípetos tornam-se, pela ação do amor, em centrífugas, em outras palavras, eles chegarão a todos - a graça emana da comunidade, a partir de cada um de nós. Essa será a forma de introduzir a cultura de Pentecostes, a partir de nossa pequenez e simplicidade, e com alegria anunciar o que vivemos em primeiro lugar. Vamos sempre lembrar que a missão nos une! Como nas primeiras comunidades, este testemunho fará a Igreja atraente, e o outro irá desejar viver como Cristo. Que discipulado maravilhoso será os daqueles que forem atingidos pelo amor e entrarem nos círculos centrípetos, para sair em seguida, como testemunhas do Ressuscitado.

Com uma santa e certa ousadia Sua Santidade, o Papa Francisco, também está a repetir-nos: "Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças" (Evangelii gaudium 49). É a poderosa força do Espírito de Jesus que vem como um lembrete de que pertencemos a uma Igreja, necessariamente "preocupada" em sair para anunciar a todos as graças que recebemos. Assim como nos primeiros dias, homens e mulheres estejam, talvez inconscientemente, esperando este anúncio, que é capaz de dar vida.

Não surpreende que a palavra mais usada pelo papa Francisco seja sair. A RCC floresceu como uma resposta providencial de Deus para este tempo. O Papa Bento XVI disse muitas vezes isto para nós. Esta é uma resposta que não pode ficar muda para o mundo de hoje, que vive tempos de grande agitação, indiferença e dor.

Parece que estamos nos familiarizando, em muitos lugares, com a cultura da morte; esta penetra, gradualmente, até o ponto que achamos ser normal... ou seja, viver sem Deus. Somos chamados, com a parrésia da Igreja primitiva, para entrar no movimento, de sair, a fim de que eles digam sobre nós o mesmo que foi dito sobre os primeiros cristãos: 'Estes homens que estão transtornando o mundo inteiro, chegaram agora aqui também' (At 17, 6). 'Do mesmo modo, também o Espírito vem em auxílio da nossa fraqueza, pois nem sabemos o que convém pedir; mas o próprio Espírito intercede por nós com gemidos inefáveis' (Rm 8, 26) (Evangelii gaudium 280). 'Com o Espírito Santo, Maria está sempre presente no meio do povo. Ela juntou-se aos discípulos na oração para a vinda do Espírito Santo' (At 1,14) e, assim, tornou possível a explosão missionária que teve lugar no dia de Pentecostes (ib. 284). 🏹



PERGUNTAS À COMISSÃO DOCTRINAL DO ICCRS

A Comissão Doutrinal do ICCRS, atualmente liderada pela doutora Mary Healy, consulta teólogos e especialistas de todo o mundo.

Se você tiver uma pergunta sobre a RCC, por favor envie para newsletter@iccrs.org

Deus nos testa?

Quando as pessoas estão no meio de um momento difícil, como doença, desemprego, ou a perda de um ente querido, não é raro ouvi-los dizer: "Deus está me testando". Ou, por vezes, outra pessoa vai dizer ao doente, "Deus está testando você".

É verdade que Deus testa as pessoas? O que a Escritura e a Tradição nos dizem sobre como devemos entender estas tribulações? Na Bíblia encontramos várias passagens diferentes em que diz-se que Deus testa alguém. Por exemplo, Gênesis 22 nos diz: "Depois destas coisas, Deus provou Abraão," e, em seguida, narra o teste mais difícil que se possa imaginar: Abraão é convidado a sacrificar seu único filho amado, Isaque.

O livro de Jó descreve como Deus permitiu que Satanás levasse, em primeiro lugar, os filhos e os bens de Jó, e em segundo, sua saúde. Em sua angústia Jó clama a Deus: "O que é o homem, para fazeres tanto caso dele, para fixares tua atenção sobre ele, a ponto de examiná-lo a cada manhã e testá-lo a cada momento?" (Jó 7, 17-19).

Deus testa as pessoas não só através de experiências, mas também através de bênçãos. Durante a viagem pelo deserto de Israel, Deus disse a Moisés: "Farei chover pão do céu para vocês: o povo sairá para recolher a porção de cada dia, para que eu o prove e veja se ele observa a minha lei ou não" (Ex 16, 4-5). Deus testou seu povo para saber se eles iriam confiar Nele e obedecer ao seu comando de não recolher o maná no sábado.

Não só no Antigo Testamento, mas também para os cristãos, ser testado por experiências é uma parte normal da vida humana. A Primeira Carta de Pedro diz: "Amados, não fiquem alarmados com o incêndio que se espalha entre vocês. Ao contrário, alegrem-se por estarem participando dos sofrimentos de Cristo, para que vocês também se alegrem e exultem ao se revelar a glória Dele" (1 Pd 4, 12-13).

Em todos esses exemplos, é importante reconhecer que Deus não testa os seres humanos para aumentar o seu conhecimento sobre nós. Ele já nos conhece perfeitamente. Ao contrário, ele nos prova para o nosso bem. Seus "testes" não são como um professor dando um exame final, mas como um ourives moldando ouro no fogo, para refinar e purificar. Assim, a Escritura nos encoraja: "Por isso, vocês devem alegrar-se, mesmo que agora, por um tempo você possa ter que sofrer várias provas, para que a prova da vossa fé, mais preciosa do que o ouro que perece e é provado pelo fogo, resulte em louvor, glória e honra na revelação de Jesus Cristo" (1 Pd 1, 6-7).

Também é essencial fazer uma distinção que ainda não ficou

clara no período do Antigo Testamento: a distinção entre o que Deus permite e o que Deus faz diretamente. Deus nos prova no sentido de que ele nos permite encontrar a tentação ou o sofrimento, mas ele próprio não causa diretamente essas coisas. Ele permite isso para o nosso bem, para que possamos aprender a resistir ao mal e crescer em humildade, verdade e confiança em Deus. Como Moisés disse aos israelitas, Deus "te alimentou no deserto com o maná... para humilhar e provar você, a fim de lhe fazer o bem no futuro" (Dt 8, 16).

Devemos evitar um mal entendido muito comum em relação à doença e outras experiências. Muitas pessoas pensam que, porque Deus permitiu essas adversidades em nossa vida, seria errado orar para ser curado ou entregue a partir de uma adversidade. Mas isso não significa nada. Na verdade, o Senhor deseja que crescamos na fé pela confiança, orando para ele em todas as nossas necessidades, incluindo as relacionadas à saúde e a plenitude da vida.

Se uma pessoa está gravemente doente, não hesite em aconselhá-la a procurar um médico o mais rápido possível. Reconhecemos que, buscar a cura através de um médico é a resposta adequada à doença, e de modo algum implica que uma pessoa não está disposta a levar a sua cruz. Da mesma forma, se alguém está sofrendo a perda de seu emprego ou sua casa, ou alguma outra provação, não diga: "Basta sorrir e suportar." Em vez disso, busque aliviar seu sofrimento e atender as suas necessidades. Por que então nós pensamos que é errado orar a Deus para a cura de doenças ou alívio de outras dores? Siraque expressa essa perspectiva equilibrada: "Meu filho, se você ficar doente não se descuide. Suplique ao Senhor, e ele o curará... Depois, consulte o médico, pois também ele foi criado pelo Senhor. Não o afaste, porque você precisa dele" (Eclo 38; 9, 13). Deus trabalha por vezes, através de médicos e às vezes milagrosamente através da oração.

Finalmente, devemos também fazer uma distinção entre um teste e uma tentação. Deus permite que sejamos provados pela adversidade, mas ele nunca irá levar-nos a pecar. "Quando tentado, que ninguém diga: "Deus está me tentando." Porque Deus não é tentado a fazer o mal nem tenta a ninguém. Cada um é tentado pelo seu próprio desejo, que o atrai e seduz;" (Tg 1, 13-14). As Escrituras também nos ensinam a ter a confiança de que Deus sempre fornece uma maneira de vencer as tentações. "Vocês não foram tentados além do que podiam suportar, porque Deus é fiel e não permitirá que sejam tentados acima das forças que vocês têm. Mas, junto com a tentação, ele dará a vocês os meios de sair dela e a força para suportá-las" (1 Cor 10, 13). 🏠